

JOÃO ANTÔNIO E LUANDINO VIEIRA: MELANCOLIA E UTOPIA NA DECONSTRUÇÃO DO DISCURSO OFICIAL

Vima Lia de Rossi Martin
USP

O estudo comparativo da ficção produzida pelo brasileiro João Antônio (1937-1996) e pelo angolano Luandino Vieira (1935-) permite-nos aproximar seus discursos literários a partir de uma mesma opção pelo descentramento: ambos os escritores desafiam os discursos oficiais atrelados às estruturas de poder instituídas ao elaborarem narrativas que conferem visibilidade e voz a segmentos sociais marginalizados.

Consagrando a maioria de seus livros a Lima Barreto, ficcionista que, valorizando o trabalho com as expressões culturais populares, evidenciou a opressão sofrida pela maioria da população brasileira nos 30 primeiros anos da vida republicana, João Antônio, assim como o seu mestre, também faz uma clara opção pelo universo dos explorados.

Por isso, salta a vista a galeria de figuras marginais que são incorporadas pelas suas narrativas. Circulando nos espaços do submundo paulistano e carioca, encontramos prostitutas, desempregados, moleques de rua, trabalhadores pobres, muitos dos segmentos sociais que a nossa sociedade tem sistematicamente cultivado e desumanizado ao longo de cinco séculos. Flagradas em seu *corpo-a-corpo* com a vida, essas personagens são o elemento fundamental que conforma o universo ficcional do autor, que se estende do início dos anos 60 até o início da década de 90. Ao conferir existência literária a esses desvalidos, João Antônio se faz porta-voz das limitações e das expectativas daqueles que sofrem diretamente as desigualdades sociais. E a ficção criada por ele, que busca expressar com fidelidade as relações que constituem esse universo marginal, acaba por colocar em xeque as representações homogêneas das idéias de nação e de modernidade atualizadas pelo discurso autoritário das décadas de 60-80.

Um interessante exemplo desse questionamento do discurso oficial pode ser detectado nas singularidades que conformam as personagens malandras criadas por João Antônio, recorrentes em suas histórias desde a publicação de seu primeiro e mais notório conto intitulado “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Apesar do mito nacional dos heróis malandros que “sempre se dão bem” e confirmam um modo de sobrevivência bem sucedida no campo da informalidade, fora do espectro da norma e da lei burguesas, as aventuras - melhor seria dizer *desventuras* - vividas pelas personagens de João Antônio não são acompanhadas pelo riso e pela bonomia que costumam caracterizar as peripécias típicas da malandragem.

“O mundo sem culpa”, liberto do peso do erro e do pecado, tão bem definido por Antonio Candido em seu estudo sobre o romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, não é, de fato, o mundo em que vivem as personagens malandras de João Antônio. No romance publicado em 1854-5, *entrevemos o contorno de uma terra sem males definitivos ou irremediáveis, regida por uma encantadora neutralidade moral. Lá não se trabalha, não se passa necessidade, tudo se remedeia*¹. Já nos textos de João Antônio, o Brasil é uma terra de males produzidos e disseminados por quem detém o poder e, se o malandro não trabalha, ou é por falta de oportunidade ou é por opção; nesse último caso, advinda de uma profunda ausência de convicção de que o trabalho pode realmente trazer alguma espécie de dignidade – material ou moral - para quem vive tão às margens.

Assim, se as personagens malandras de João Antônio podem ser inseridas na tradição que se inaugura com Leonardo Filho, a primeira grande personagem malandra que consta da novelística brasileira, é preciso observar uma importante diferença que as afastam. Leonardo vive de maneira um tanto gratuita, praticando a astúcia pela astúcia e manifestando um amor pelo “jogo em si”. A astúcia e o jogo, quando presentes na obra de João Antônio, quase nunca constituem experiências desinteressadas. As intenções e as atitudes dos jogadores de sinuca Malagueta, Perus e Bacanaço, por exemplo, relativizam essa gratuidade, pois visam sempre à

¹ CANDIDO, Antônio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1998, p.53.

subsistência, não importando se outras pessoas são lesadas nesse processo. Na ótica de Antonio Candido, trata-se de *contornar a miséria, numa movimentação no espaço onde o vício se acomoda e a sobrevivência depende de uma lei espúria do mais apto*².

É como se no lugar da “fábula realista”, tecida por Manuel Antônio de Almeida, João Antônio tecesse “crônicas realistas”, contemplando em seus textos toda a violência produzida no mundo real. Em vez de elementos do universo fabular, que deixam transparecer o mundo arquetípico da lenda, propício a toda sorte de acomodações, encontramos nas histórias de João Antônio as marcas de uma sociedade autoritária e segregadora, ancorada na desumanização das relações.

Como espécie de contrapartida à miséria e à desumanização, o olhar com que João Antônio capta os absurdos da situação vivida por suas personagens é extremamente humanizador. Mas a generosidade que dá vida literária a tantos dramas parece estar sufocada pelo desencanto, como se não houvesse ideais possíveis no duro cotidiano dos que são explorados. As carências fundamentais das personagens, longe de serem supridas, agudizam-se ao longo das narrativas, gerando uma atmosfera de desilusão e de fracasso que permanece ao final da leitura.

A melancolia, espécie de sentimento provocado pelo esgarçamento do indivíduo em momentos de intensa crise social, é assumida claramente pelo escritor, que não vislumbra nenhuma possibilidade de saída para um país que alia autoritarismo e exclusão. Descrevendo a si mesmo, João Antônio declara:

*É uma figura melancólica, vítima de seu sonho, que num dia de descanso ou tédio ou nojo, nada tem a fazer além de enviar uma carta a um amigo distante, provavelmente parecido com ele, a remexer no baú já velho.*³

² CANDIDO, Antônio. Na noite exovalhada. *Remate de Males*, Campinas, nº 19, pp.83-8, 1999.

³ João Antônio, *Dama do Encantado*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1996, p.95.

Essas palavras encontram-se num texto sugestivamente intitulado “Ajuda-me a sofrer”, relato que mescla o diário e a ficção. Nele, João Antônio reflete sobre a sua condição de escritor brasileiro que vê a literatura como um espaço de dolorida realização. Note-se que a melancolia advém de sua sofrida relação com o sonho. O autor não é aquele que sonha, que acalenta ideais; ao contrário, é alguém vitimado pelo próprio sonho, um ser melancólico na medida em que se depara com a impossibilidade de realização de um ideal e volta-se nostalgicamente para o tempo passado, o *baú já velho* que ele teima em remexer.

Se o que prevalece na literatura de João Antônio é esse sentimento de impotência diante da realidade, que impede a aposta na utopia de um futuro mais justo e democrático, na obra de Luandino Vieira o vetor é justamente a utopia de uma transformação social.

A história do angolano Luandino Vieira confunde-se com a história da luta pela independência política de seu país, o que o levou a sofrer profundamente as consequências de sua militância política. Preso em 1961 por “atividades anticolonialistas”, veio a ser libertado somente em 1972, depois de ter cumprido grande parte de sua pena no campo de concentração de Tarrafal de Santiago, em Cabo Verde.

Sob a perspectiva da transgressão, a escrita de Luandino Vieira é mais radical que a de João Antônio, pois o autor evoca fortemente a tradição oral, produzindo uma série de rupturas nos discursos autorizados ao mesclar o vocabulário e a sintaxe do Kimbundo, língua falada na região de Luanda, com o vocabulário e a sintaxe do Português, a língua oficial do país. Esse procedimento de resistência, que traz para o nível da fatura do texto as contradições características da condição colonial, traduz com acuidade os desafios enfrentados pelo escritor (des)colonizado no manejo com a língua. Se o Português é a língua imposta que oprime, é também, devido ao seu alcance, a mais adequada para difundir uma ideologia transformadora.

O espaço recriado nos três romances e nas mais de trinta histórias publicadas por Luandino Vieira é fundamentalmente o espaço dos musseques, bairros proletários fora do

perímetro urbanizado da cidade de Luanda. Seus habitantes, que sofrem privações dificilmente suportáveis para os *brancos* que povoam a Baixa, como são conhecidos os bairros à beira-mar, são os marginalizados que vivem de maneira miserável, ocupando o lugar destinado à população colonizada. E como o tempo recoberto pela ficção de Luandino é sobretudo o da Guerra de Libertação, o fato de os angolanos poderem se reconhecer nas imagens da sociedade desenhadas pelo autor, que privilegiam sobretudo os cenários e as ações de resistência e de luta dos nativos contra a opressão colonial, é importante fator de identidade e união, fortalecendo os laços entre aqueles que se organizam para a transformação da ordem imposta pelo governo português.

A personagem Domingos Xavier, protagonista de uma das mais vigorosas narrativas do autor, intitulada *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, escrita em 1961 e publicada em 1971, em Paris, é um interessante exemplo de literatura de resistência ao massacre colonial. Preso e torturado pelas autoridades governamentais, Domingos não delata seus companheiros de luta e morre como um herói nacional, comprovando a capacidade de união e organização da população nativa e instaurando uma idéia de nacionalidade que atende aos interesses autóctones. As palavras de Sô Mussunda, amigo e cúmplice de Domingos, que encerram a narrativa de maneira contundente, celebram a “conduta revolucionária” demonstrada pelo companheiro:

*Irmãos angolanos. Um irmão veio dizer mataram um nosso camarada. Se chamava Domingos Xavier e era tractorista. Nunca fez mal a ninguém, só queria o bem do seu povo, e da sua terra. Fiz parar essa farra só para dizer isto, não é para acabar, porque a nossa alegria é grande: nosso irmão se portou como homem, não falou os assuntos do povo, não se vendeu. Não vamos chorar mais a sua morte porque, Domingos António Xavier, você começa hoje a sua vida de verdade no coração do povo angolano.*⁴

A perspectiva utópica, pautada na idéia de “utopia concreta” concebida pelo filósofo alemão Ernst Bloch, parece orientar essa e outras narrativas de Luandino Vieira. Para Bloch, a

⁴VIEIRA, Luandino. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Ática, p.84.

verdadeira vontade utópica – ou “utopia concreta” – possui um sentido construtivo, anunciador e antecipador de uma vontade firme e clara da emancipação e reconstrução da sociedade segundo as idéias de igualdade, dignidade, fraternidade e liberdade⁵.

De fato, a maior parte das histórias escritas por Luandino não apenas evidencia a impossibilidade de conciliação dos interesses de classes que ocupam posições antagônicas na hierarquia social, como também sinaliza a consolidação paulatina do processo de resistência que se opõe à dominação exercida pelos detentores do poder, afirmando a necessidade de entendimento e de organização de todos aqueles que desejam o fim da exploração colonial. Uma proposta revolucionária, conforme a apregoada pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), presentifica-se em muitos contos de Luandino, principalmente naqueles que se encontram em suas primeiras obras, de caráter mais empenhado.

Os três contos que compõem a obra *Luuanda*, escritos e publicados em 1963, também são bons exemplos de textos que, trabalhando a linguagem de maneira extremamente poética, sem jamais perder a qualidade literária, tratam abertamente da luta pela construção de uma Angola livre e igualitária – a sociedade imaginada por Luandino Vieira. Lidos em seu conjunto, apontam possibilidades concretas de ação naquele presente em que a Guerra de Libertação já era um imperativo.

O primeiro conto, intitulado “Vavó Xíxi e o seu neto Zeca Santos”, narra as grandes dificuldades sofridas por uma avó e seu neto, ambos moradores do musseque. Como o pai de Zeca está preso por se engajar em práticas anticolonialistas, o rapaz enfrenta ainda mais obstáculos que os outros jovens de sua condição para arrumar um emprego que garanta a sua subsistência e a da avó.

Mas, para além da fome e de outras carências materiais, a grande questão enfrentada por Zeca é de ordem ética, pois diz respeito às suas aspirações de enquadramento social. Zeca

⁵ Ernst Bloch desenvolve suas reflexões sobre utopia principalmente na obra *Le principe espérance*, primeiramente denominada *Sonhos de uma vida melhor*, escrita entre 1938 e 1948.

possui a *cabeça fraca*, o *coração fraco*, tem vergonha de sua situação miserável e deseja se parecer com os brancos, ter o mesmo *status* dos rapazes que pertencem à elite colonial. Seu desejo é se casar com a exigente Delfina e, para tanto, é preciso ascender socialmente. Enquanto a avó se deixa embalar por lembranças do antigamente, em que sua vida era mais farta, o jovem não consegue perceber na luta pela libertação uma possibilidade concreta de ação para transformar o futuro e sofre com a humilhação e o desalento que a falta de consciência de classe lhe traz.

O segundo conto, “Estória do ladrão e do papagaio”, celebra o triunfo da amizade entre três malandros, Lomelino dos Reis, Xico Futa e Garrido, presos por se envolverem num roubo de patos. Numa narrativa não-linear, entrecortada por *flash-back* e *flash-on*, são apresentadas personagens representativas de diferentes segmentos sociais marginalizados, como o cipaio assimilado e a moça negra que aspira ao embranquecimento, o que oferece uma espécie de panorama da sociedade luandense. Ao longo de toda a narrativa, as três personagens centrais perdem-se em conflitos inúteis, acusando-se mutuamente pelo desfecho da empreitada e mostrando-se incapazes de atribuir ao colonizador a responsabilidade por sua situação de exclusão.

Mas o final da história é emblemático. A chegada de uma panela de *comida de gente do musseque*, enviada pela mulher de Lomelino, é o elemento agregador que anula as diferenças pessoais. O feijão e o peixe compartilhados com satisfação suprem a fome dos homens e confirmam um dado cultural identificador de uma história e de uma cultura comuns, que devem ser mobilizados em prol de um objetivo também comum. As últimas palavras do narrador, com o didatismo típico do *griot*, afirmam o caráter verdadeiro do caso narrado: *É isto é a verdade, mesmo que os casos nunca tenham passado*. A ficção é portadora da verdade necessária para a concretização de um projeto revolucionário. O processo histórico de

aquisição de consciência do povo de Angola deve ser registrado nos espaços literários que cumprem a função dos casos tradicionais, contados no antigamente, em volta da fogueira.

O último conto de *Luuanda*, “Estória da galinha e do ovo”, tem como cenário o musseque do Sambizanga, onde se desenrola uma maka para decidir quem terá a posse de um ovo botado pela galinha pertencente a nga Zefa, no quintal de sua vizinha, Bina. Enquanto as duas mulheres se enfrentam numa briga ferrenha, são duas crianças, Beto e Xico, que realmente se preocupam com a galinha, cada vez mais banzada diante de toda a confusão.

Para ajudar na solução da disputa, são consultados cinco moradores do musseque que, ou não conseguem decidir nada, ou apresentam soluções estapafúrdias e interesseiras para o caso. Por fim, a polícia – representando o poder oficial – chega para pôr fim à maka e resolve levar a galinha embora. Beto e Xico entram em ação, imitando o som de um galo e favorecendo a fuga do bicho. As duas mulheres caem em si e nga Zefa oferece o ovo à vizinha Bina, que estava grávida e havia manifestado o desejo de comê-lo.

A lição não deixa margem para dúvidas. As crianças haviam aprendido com o velho Petelo a conhecer os animais e, valendo-se desse conhecimento, são portadoras da sabedoria capaz de resolver a situação a favor dos moradores do musseque. Como já apontado nas duas primeiras estórias, numa situação de guerra, é preciso saber reconhecer o verdadeiro inimigo e concentrar esforços para lutar contra ele. A crítica à atitude de desunião entre as vizinhas e à falta de solidariedade demonstrada pelas pessoas que poderiam contribuir para a resolução de um caso relativamente simples como o da posse do ovo, ganha destaque se contraposta à atitude dos meninos, vida jovem a apontar os verdadeiros caminhos da resistência.

Os textos que discutem as reais condições de vida das camadas populares e as maneiras mais eficazes para sua mobilização atestam a *utopia concreta* de Luandino Vieira.

A diferença fundamental entre os projetos literários forjados por João Antônio e por Luandino Vieira constitui-se na configuração de visões distintas sobre as possibilidades de

transformação dos rumos da História de seus países. Os contos de João Antônio revelam uma profunda melancolia ao afirmarem a injustiça de um modelo de relações sociais que se cristalizou na sociedade brasileira. Já grande parte das histórias escritas por Luandino Vieira são portadoras de uma utopia que aposta na transformação da realidade angolana.